



---

Clássicos Infantojuvenis

# Fábulas de La Fontaine

La Fontaine

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

---



Título: Fábulas de La Fontaine

Autor: La Fontaine

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos Infantojuvenis

Seleção, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.ª edição: outubro de 2013

**ideiascommérito**  
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

# Índice

[O Leão e o Rato](#)

[A Cigarra e a Formiga](#)

[A Cigarra e a Formiga](#)

[A Formiga e a Pomba](#)

[O Burro com a Pele de Leão](#)

[A Tartaruga e os Patos](#)

[O Conselho dos Ratos](#)

[As Lebres e as Rãs](#)

[A Raposa e o Corvo](#)

[O Corvo e a Raposa](#)

[O Galo e a Raposa](#)

[O Leão Velho](#)

[O Lobo e o Cão](#)

[O Lobo e o Cão](#)

[O leão e Outros Animais](#)

[O Rato Caseiro e o Rústico](#)

[O Homem e a sua Imagem](#)

[A Garça-Real e a Moça](#)

[A Morte e o Desgraçado](#)

[O Galo e a Pérola](#)

# O Leão e o Rato

Certo dia, estava um Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pos-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir.

— Perdoa-me! — gritou o ratinho. — Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim?

O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir.

Dias depois o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram a procura de um meio para o transportarem.

Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam.

E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.

# A Cigarra e a Formiga

Num dia soalheiro de verão a Cigarra cantava feliz. Enquanto isso, uma Formiga passou por perto. Vinha afadigada, carregando penosamente um grão de milho que arrastava para o formigueiro.

— Por que não ficas aqui a conversar um pouco comigo, em vez de te afadigares tanto? — perguntou-lhe a Cigarra.

— Preciso de arrecadar comida para o inverno — respondeu-lhe a Formiga. — Aconselho-te a fazeres o mesmo.

— Por que me hei de preocupar com o inverno? Comida não nos falta... — respondeu a Cigarra, olhando em redor.

A Formiga não respondeu, continuou o seu trabalho e foi-se embora.

Quando o inverno chegou, a Cigarra não tinha nada para comer. No entanto, viu que as Formigas tinham muita comida porque a tinham guardado no verão. Distribuíam-na diariamente entre si e não tinham fome como ela. A Cigarra compreendeu que tinha feito mal...

# A Cigarra e a Formiga

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o verão  
Achou-se em penúria extrema  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
Pois tinha riqueza e brio,  
Algum grão com que manter-se  
Té voltar o aceso estio.

— Amiga, — diz a cigarra —  
Prometo, a fé de animal,  
Pagar-vos antes de agosto  
Os juros e o principal.

A formiga nunca empresta,  
Nunca dá, por isso junta.  
— No verão em que lidavas? —  
A pedinte ela pergunta.

Responde a outra: — Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora.  
— Oh, bravo! — torna a formiga  
— Cantavas? Pois dança agora!

*Versão trad. por Bocage*

# A Formiga e a Pomba

Estava uma Formiga junto a um regato quando foi apanhada pela corrente. Uma Pomba que estava pousada numa árvore sobre a água viu que ela estava quase a afogar-se e teve pena dela. Para que se pudesse salvar, atirou-lhe uma folha. A Formiga subiu para cima da folha e flutuou em segurança para a margem do regato.

Pouco depois, apareceu um caçador e apontou para a Pomba. A Formiga, percebendo o que estava para acontecer, picou-o no pé. O caçador sentiu a dor da picada e moveu-se ruidosamente. Alertada, a Pomba voou para longe e salvou-se.



# O Burro com a Pele de Leão

Certo dia, um Burro encontrou uma pele de Leão que os caçadores tinham deixado a secar ao Sol.

— Vou cobrir-me com ela e assustar toda a gente — pensou ele.

Assim fez, e assustou todas as pessoas e todos os animais que encontrou. Muito orgulhoso do seu feito, zurrou muito alto, cheio de alegria.

Foi o seu erro, porque nesse momento todos perceberam pela sua voz que ele, afinal, era apenas um Burro.

O dono, que tinha apanhado um grande susto, resolveu castigá-lo e deu-lhe umas valentes pauladas.

# A Tartaruga e os Patos

Era uma vez uma Tartaruga que queria conhecer o mundo. Confiou este seu desejo a dois Patos que viviam perto dela, numa lagoa.

Um belo dia, a lagoa secou e os Patos prepararam-se para partir. Antes, porém, foram despedir-se da sua amiga e fizeram-lhe um convite:

— Se quiseres, podes vir conhecer o mundo connosco. Cada um de nós segura a ponta de um ramo e tu agarras-te bem a ele com a boca. Assim, ficarás em segurança e poderás ver, lá do alto, cidades e reinos maravilhosos.

A Tartaruga nem pensou duas vezes: aceitou o convite e, nesse mesmo dia, partiram todos a aventura. Sobrevoaram aldeias, cidades e reinos de encantar. Quando passavam por cima de um campo, os camponeses admiraram-se com o que viram e gritaram:

— Vejam! Vejam! Uma Tartaruga a voar!

— Como sou extraordinária! — gritou a Tartaruga cheia de orgulho.

Porém, assim abriu a boca, largou o ramo e estatelou-se no chão.

# O Conselho dos Ratos

Há muito, muito tempo, os Ratos reuniram-se em assembleia para decidirem em conjunto o que fazer em relação ao seu inimigo comum: o Gato.

Depois de muito conversarem, um jovem rato levantou-se e apresentou a sua proposta:

— Estamos todos de acordo: o perigo está na forma silenciosa como o inimigo se aproxima de nós. Se conseguíssemos ouvi-lo, podíamos escapar facilmente. Por isso, proponho que lhe coloquemos um guizo no pescoço.

A assembleia recebeu estas palavras com entusiasmo. Foi então que um Rato Velho se levantou e perguntou:

— E quem é que vai colocar o guizo no pescoço do Gato?

Os ratos começaram a olhar uns para os outros, e não houve nenhum que se oferecesse para levar a cabo semelhante tarefa.

Então o Rato Velho terminou, dizendo:

— Propor uma solução é fácil, o difícil é po-la em prática.

# As Lebres e as Rãs

Certo dia, uma Lebre queixou-se amargamente as amigas:

— Vivemos uma vida pavorosa porque temos medo de tudo: temos medo dos homens, dos cães, das águias, das raposas... enfim, somos obrigadas a dormir com um olho aberto e outro fechado, prontas para fugir.

Todas concordaram e lamentaram-se dizendo que mais valia morrerem do que viverem sempre assustadas, com medo de tudo e de todos.

Nisto, passaram por um charco. Quando as Rãs que aí viviam sentiram a sua aproximação, saltaram espavoridas para a água, fugindo delas.

Então, disse uma das Lebres:

— Amigas, deixemo-nos de lamentos! Vejam como também nós podemos assustar outros seres!

# A Raposa e o Corvo

Mestre Corvo, numa árvore poisado,  
No bico segurava um belo queijo.  
Mestra raposa, atraída pelo cheiro,  
Assim lhe diz em tom entusiasmado:  
— Olá! Bom dia tenha o Senhor Corvo,  
Tão lindo é: uma beleza alada!  
Fora de brincadeiras, se o seu canto  
Tiver das suas penas o encanto  
É de certeza o Rei da Bicharada!

Ouvindo tais palavras, que feliz  
O Corvo fica; e a voz quer mostrar:  
Abre o bico e lá vai o queijo pelo ar!  
A Raposa o agarra e diz: — Senhor,  
Aprenda que o vaidoso se rebaixa  
Face a quem o resolve bajular.  
Esta lição vale um queijo, não acha?  
O Corvo, envergonhado, vendo o queijo fugir,  
Jurou, tarde de mais, noutra igual não cair.

# O Corvo e a Raposa

E fama que estava o corvo  
Sobre uma árvore pousado,  
E que no sofrego bico  
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro aquele sítio  
Veio a raposa matreira,  
A qual, pouco mais ou menos,  
Lhe falou desta maneira:

— Bons dias, meu lindo corvo;  
És glória desta espessura;  
És outra fénix, se acaso  
Tens a voz como a figura!

A tais palavras o corvo  
Com louca, estranha afoiteza,  
Por mostrar que é bom cantor  
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,  
E diz: — Meu amigo, aprende  
Como vive o lisonjeiro  
A custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,  
Tem destas para teu uso.  
Rosna então consigo o corvo,  
Envergonhado e confuso:

— Velhaca! Deixou-me em branco,  
Fui tolo em fiar-me dela;  
Mas este logro me livra  
De cair noutra esparrela.

*(Trad. de Bocage)*

# O Galo e a Raposa

Um Galo velho e sábio estava empoleirado nos ramos de uma árvore. Nisto, aproximou-se uma raposa que lhe disse em tom meloso:

— Irmão, agora há paz no reino dos animais e, por isso, já não sou tua inimiga. Desce do ramo para que possamos celebrar a nossa amizade com um beijo. Depressa, porque hoje tenho muito que fazer.

— Irmã Raposa — replicou o Galo — esperemos pelos dois Galgos que se aproximam. De certo que também eles ficarão contentes com essa notícia e, assim, poderemos beijar-nos uns aos outros.

— Adeus! — respondeu a Raposa. — Estou cheia de pressa. Celebraremos a nossa amizade noutro dia.

Dito isto, desatou a correr o mais depressa que pode, furiosa com o Galo e cheia de medo dos cães.



# O Leão Velho

Um Leão, já muito velho e sem forças, repousava no seu covil.

Os outros animais, aproveitando-se da sua fraqueza, resolveram vingar-se dos maus tratos que ele lhes infligira quando era jovem e forte: o cavalo deu-lhe um coice, o lobo deu-lhe dentadas e o boi deu-lhe uma cornada.

O infeliz aguentou, sem um queixume. Foi então que viu um burro a correr na sua direção, pronto para o agredir também.

— É demais! — exclamou ele. — Aceito morrer, mas ser insultado por ti é morrer duas vezes!

# O Lobo e o Cão

Certo dia, um Lobo só pele e osso encontrou um cão gordo, forte e com o pelo muito lustroso. Via-se bem que não passava fome. O Lobo, admirado, quis saber onde é que ele conseguia obter tanta comida.

— Se me seguires, ficarás tão forte como eu — respondeu o cão. — O homem dar-te-á restos saborosos.

— Mas o que preciso de fazer em troca? — quis saber o Lobo.

— Muito pouco, na verdade — respondeu o Cão. — Uivar aos intrusos, agradar ao dono e adular os seus amigos. Só por isto receberás carne e outras iguarias muito bem cozinhadas. De vez em quando, receberás também festas no dorso.

O Lobo ficou encantado com a ideia e meteram-se ambos ao caminho. A dada altura, o Lobo reparou que o cão tinha o pescoço esfolado.

— O que tens no pescoço? — perguntou.

— Nada de grave. É da argola com que me prendem — explicou o Cão.

— Preso? Então não podes correr quando queres? — exclamou o Lobo. — Esse é um preço demasiado elevado: não troco a minha liberdade por toda a comida do mundo.

Dito isto, desatou a correr o mais depressa que pode para bem longe dali.

# O Lobo e o Cão

Não tinha um lobo mais do que a pele e o osso.

Sinal é que, de orelha arrebitada,

Bem vigilante andava a canzoada.

Encontra o lobo um cão, forte, grosso,

Nutrido, luzidio, uma beleza!

Que distraído abandonara a estrada.

Sorri-lhe a nédia presa.

Saltar-lhe logo ali, faze-lo em postas

O seu desejo fora. Dura empresa!

A luta era infalível. Voltar costas,

Não usam perros quando são valentes,

E, mais, os brutos!, Dão as vezes cabo

Do fero contendor! Diabo!... Diabo!

Então aquele, com aqueles dentes!

Humilde o lobo, pois, encolhe a cauda;

Chegasse ao cão; abaixa-lhe a cabeça;

Puxa conversa; diz que folga em ve-lo,

Que deixa que ele admire, que ele aplauda

Topá-lo assim... e com tão bom cabelo!...

E rijo! E gordo! Um frade! Uma abadessa!

— Esplendido senhor. — O cão responde —,  
De vós depende o ter igual gordura.  
Fugi dos bosques, onde,  
Por teima da desgraça,  
De fome e frio só achais fartura,  
Vós, senhor lobo, e a vossa pífia raça.  
Dias e dias sem comerem nada!  
E lá por festas, raras, esquecidas,  
Um petisquinho conquistado a espada,  
Tragado as escondidas!  
Ai é certa a morte!  
Furtais-vos a seus braços!  
Segui, segui meus passos;  
Tereis outro destino e melhor sorte.  
— Mas como? — volve o lobo.  
— Fazer então que devo?  
— Bagatela:  
Nem morte de homem. Nem de igreja roubo;  
Simplesmente estas coisas: não dar trégua  
A santa gente rota, mendicante,  
Bordão numa das mãos, noutra a tigela,  
Que vem inda a distancia duma légua  
E já tresanda a essencia de tratante.  
Lamber as mãos ao dono; ser submisso...

Dar coca — é o termo próprio — ao dono e a todo  
Quanto bicho-careta houver em casa.  
Salário apanhareis que vos apraza:  
Ossos das aves, rodas de chouriço,  
Restos vindos da mesa, e tudo a rodo!  
Até uns tagatés em cima disso!  
Tendo prestado ao cão atento ouvido,  
O lobo, coitadinho!,  
Com perspectiva tal enternecido,  
Não tugiou nem mugiu, mas fez beicinho!  
Iam a caminho já do povoado,  
Quando o lobo notou que no pescoço  
O cão era pelado!  
— Que tens aí? — pergunta com alvoroço.  
— Nada, que eu saiba. — Nada?! — Frioleira!  
— Mas afinal o que é? — Ora!... A coleira, Com que a noite me prendem junto a  
porta...  
— Prender-te?! — o lobo exclama. — Não saís fora,  
Não corres livre pela terra inteira  
Quando te dá na gana, e a toda a hora?  
— Nem sempre. Isso que importa?  
— Tanto importa que toda a trincadeira  
Com que me acenas, um tesouro embora,  
Por tal preço não quero!

— O lobo finda,  
Põe-se logo na perna, e corre ainda!

*(Trad. de Francisco Palha)*

# O leão e Outros Animais

Uma ovelha, uma cabra e uma novilha

Trataram com um leão

Fazer igual partilha

Da caça que apanhassem no sertão.

Um veado caiu

No laço que lhe armou a cabra esperta.

Mandou ela chamar os associados;

Veio o leão, rugiu,

Fez do preso animal quatro bocados,

E disse: — A conta é certa;

Pertence-me o primeiro,

Por me chamar leão;

O segundo quinhão,

Por ser forte; o terceiro

Também, por valente.

E se alguém tocar no quarto,

Dá-me um banquete mais farto...

Prova-me as garras e o dente!

*(Trad. de Fernando Leal)*

# O Rato Caseiro e o Rústico

Convida, uma vez, ratinho  
Mui galante e cortesão,  
Certo arganz montesinho  
A sobras dum perdigão.  
Em guedelhudo tapete  
Luz o esplendido talher.  
São dois, mas valem por sete.  
Que apetite! que roer!  
Foi folgança regalada;  
Nada inveja um tal festim.  
Se não quando, na malhada,  
Pilha-os súbito motim.  
Passos a porta da sala.  
Param os nossos heróis.  
E o terror, que pronto os cala,  
Lança em pronta fuga os dois.  
Foi-se a bulha.  
Muito a mansa  
Vem-se chegando outra vez.  
— Demos remate a folgança,



Diz o da corte ao montes.  
— Nada. Mas vem tu comigo  
Jantar amanhã; bem sei  
Que lá me não gabo, amigo,  
Desta vidinha de rei.  
Mas ninguém me turba em meio  
Do jantar; sobra o lazer.  
E adeus. Figas ao prazer  
Que pode aguar um receio.

*(Trad. de José de Sousa Monteiro)*

# O Homem e a sua Imagem

Um homem singular nos fumos da vaidade,  
Tinha-se para si na conta de gentil;  
No espelho a que se ve sempre acha falsidade,  
E vivia feliz nessa ilusão pueril.  
Para o curar do achaque, a sorte, que é cruenta,  
Aos olhos lhe apresenta  
— Por toda a parte os tais conselheiros das damas:  
Espelhos nos salões, nas lojas, nas batotas,  
Nos bolsos dos janotas,  
Tem-nos criadas e amas.  
O que lembra ao Narciso?  
Ele vai-se ocultar  
Desesperado, então, num ignoto lugar  
Sem de espelhos querer entrar noutra aventura.  
Nesse local, porém, corria a linfa pura  
De aprazível regato,  
Que reflete fiel o grotesco retrato,  
O qual julga inda assim ser fantasia vã.  
Tenta a pressa fugir por não ver essa imagem,  
E da linda paragem

Partiu com certo afã.

Percebe-se o meu fito.

Aludo a toda a gente; o caso acha-se a esmo,

Cada qual o que é seu cre ser o mais bonito,

Nossa alma é este tal vaidoso de si mesmo.

Os espelhos sem conta, eis as tolices do homem,

Dos defeitos nos dão legítima pintura;

E pela linfa pura

Das Máximas o livro é bem que todos tomem.

*(Trad. de Teófilo Braga)*

# A Garça-Real e a Moça

Sobre dois longos pés não sei onde ia  
Em certo dia a garça  
(Que encava em longo colo o longo bico);  
Vai costeando um rio  
(Cristal as águas, como em guapo dia).  
Nelas mil remeneios  
Fazia Dona Carpa com Dom Lúcio.  
Fácil tirara de ambos  
Ganancia a garça; que eles bem. das vezes  
Co'a margem vizinhavam.  
E ela os colhera — mas em sua pachorra  
Quer que a vontade avulte.  
Convalescia e tinha horas regradas  
Para comer. — Eis chega  
Depois de alguns momentos o apetite.  
Chega-se então a praia  
A garça, e ve vir tenças a flor da água,  
Que saem de aquosas lapas.  
De invencioneira a tal manjar faz beijo;  
Por melhor prato espera.

Qual do bom Flaco o rato. — Eu comer tenças?

Que jantar para garças!

— Mal me conhecem. — Deu em desquite as tenças. Avista alguns cadozes.

## GARÇA

— Cadozes! — para garça, ai que comida! Eu descerrar meu bico

Para miuçalho tal? Deus tal não queira.

E abriu-o para menos;

Que fado quis que o peixe todo escoasse;

E a fome indo apertando,

Cum caracol acerta. Oh, dita! Oh, júbilo!

— De tão ruim contento,

Não sejamos. Que tem grão sido e manha

Os que a tudo se ajeitam:

Quem muito quer ganhar, arrisca e perde.

Não desdenheis mormente

Quando orçais c'ò que o vale. E oh, quantos caem

Nessa rede? — Eu co'as garças

Não falo. Homens, ouvi este outro conto,

Lições que de vós tiro.

Pretendia uma moça (altiva um tanto)

Achar mancebo esposo,

Bem apessoado, e lindo, airoso o termo,

Não frio, não cioso

(Dois pontos que notar). Que fosse rico,  
E fidalgo, e discreto,  
Completo em tudo. — E em quem se encontra tudo  
Eis que a bem serve o fado.  
Eis que maridos de primor lhe acorrem;  
Eis que a mocinha os acha  
Mui somenos para ela.

MOÇA

— Eu com tal gente?... Quem mos propõe bem creio  
Que caduca. Olhai-me esses desastrados.  
Bela droga de esposos! —  
Um não tinha finuras nos colóquios,  
De outro ao nariz põe pecha,  
Este tem isto, aquele tem est'outro.  
Vai tudo assim; que as guapas  
Em tudo acham desar. — Bem que, após estes  
Bons acertos, os medíocres  
Tomam. Zomba ela.

MOÇA

— E oh, que bondade é a minha!  
Que a porta lhes franqueio!  
Creem os tais que eu de mim não sei que faça?

Bem que a sós, no meu leito,  
Passo (a Deus graças) sem desgosto as noites  
Neste conceito guapa Se compraz.  
Mas foi minando-a a idade;  
E os amantes vão-se indo,  
Volve um ano, volve outro; e o desassossego  
Traz-lhe o pesar nas ancas.  
Cada dia ela sente ir-se esquivando  
Ora um joco, ora um riso,  
E trás eles o amor. — Supre alvaiade  
E rebiques as que antes  
Foram lindas feições, que hoje desprazem.  
Mas que valem, desvelos,  
Se ao tempo (ladrão fero) nada escapa?  
Que pode a casa velha  
Reparar-se; mas ruínas do semblante  
Não tem esse conforto. —  
Sua guapice então mudou de língua;  
Que lhe dizia o 'spelho:  
— Casaste asinha; e casa-te diziam  
Também certos desejos  
(Numa guapa morar desejos podem).  
Crereis qual foi a escolha  
Que ela fez, mui contente, mui ditosa?...

Casou-se cum monstrengo.

*(Trad. de Filinto Elísio)*



# A Morte e o Desgraçado

Chamava um desgraçado, a toda a hora,  
Em seu socorro a Morte.  
— Vem, ó Morte! — gritava — e, sem demora,  
Ceifa-me a rude sorte!

Quis a Morte fazer-lhe um bom serviço,  
E a porta lhe bateu.  
Entrou-lhe em casa, sem se dar por isso,  
E disse-lhe: — Sou eu!

— Que vejo! — grita ele — ó monstro horrendo!  
Espectro de pavor! Foge de mim!.  
Nunca pensei — clamou todo tremendo —  
Que fosses feia assim!

Ora, Mecenas foi um homem douto,  
Que disse; — Tornem-me antes impotente,  
Tolhido, manco, tendo só um coto,  
Gotoso — mas que eu viva longamente!).  
Nós dizemos o mesmo a Omnipotente.

*(Trad. de Gomes Leal)*

# O Galo e a Pérola

Um galo achou num terreiro  
Uma pérola, e ligeiro  
Corre a um lapidário e diz:  
— Isto é bom, é de valia,  
De milho um grão todavia  
Era achado mais feliz.  
Um néscio ficou herdeiro  
De um manuscrito, e a um livreiro  
Vai a pressa e fala assim:  
— E bom, é livro acabado,  
Concordo, mas um ducado  
Valia mais para mim!

*(Trad. de Gonçalves Crespo)*